

Alunos de cursinhos gratuitos viram calouros

Levi passou na Esalq, Francine foi aprovada na Unesp e Fernanda está na Fatec

Henrique Spavieri/JP

RONALDO VICTORIA
ronaldo@jornal.com.br

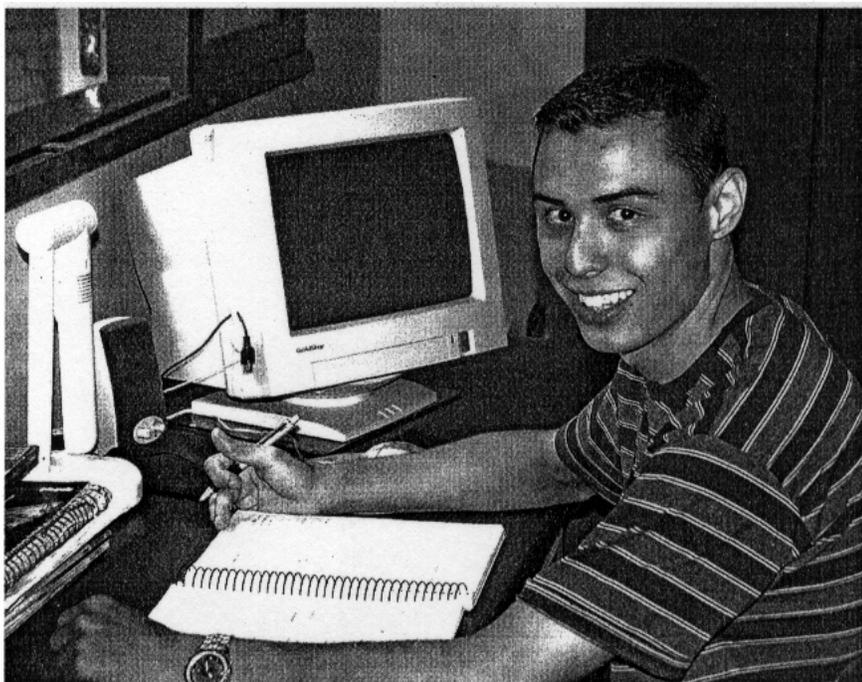
Conseguir uma vaga numa universidade pública parece ter virado privilégio de quem consegue estudar em bons colégios particulares e arcar com as despesas de um cursinho vestibular. Mas ainda existem alunos que rompem com essa regra. É o caso de Levi Lins de Emeri, 22, que na quinta-feira recebeu a notícia de que havia sido convocado para a segunda chamada do curso de gestão ambiental da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz).

“Faz três anos que eu tentava, sem desistir. Quando você insiste num sonho, acaba tendo a recompensa”, conta Levi, que frequentou o cursinho da Prefeitura, com aulas à noite na Escola Estadual Benedito Ferreira da Costa.

Francine Fuzinelli Bruno, 18, e Fernanda Faganello Neme, 19, também foram aprovadas — a primeira em pedagogia no campus Bauru da Unesp (Universidade Estadual Paulista) e a segunda em biotecnologia sucroalcooleira na Fatec (Faculdade de Tecnologia) local — e fizeram o cursinho mantido pela FOP (Faculdade de Odontologia de Piracicaba).

Levi soube que havia sido convocado por meio do **Jornal de Piracicaba**. Mas não demonstrou tanta surpresa. “É claro que eu fico contente e emocionado por finalmente saber que entrei na faculdade, um sonho de muitos anos. Mas eu já tinha certeza de que seria chamado porque consultei meu desempenho no exame da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular). Como fiquei em 42º lugar e o curso de gestão ambiental tem 40 vagas, seria praticamente impossível não ser chamado”, explica.

Para o jovem, filho de um



VIDA NOVA

Levi estudou três anos para o vestibular e foi chamado para o curso de gestão ambiental

aposentado e de uma costureira que têm mais seis filhos, cursar uma universidade parecia um sonho distante. “Teve gente que achava que eu tinha de me acerto em um emprego e deixar isso para lá, mas eu insisti”, diz. Levi até trabalhou, mas quando decidiu que seria universitário, parou com a atividade para só perseguir seu sonho.

O cursinho teria de ser gratuito, já que a família não tem condições de ajudá-lo. “E como eu não trabalhava, passei um ano inteiro sem fazer nenhum programa da minha

idade, nem ao cinema eu ia”, conta. Agora, já que o curso tem aulas à noite, ele vai em busca de um emprego. Vai prestar dois concursos, do Estado como orga-

nizador de serviços escolares, e da Prefeitura, como agente de zoonoses.

Francine encara a ansiedade de começar as aulas e se mudar para outra cidade. “Alugamos uma quitinete, mas ter

ei de encontrar uma menina para dividir as despesas”, conta ela, que tem apoio da mãe, que trabalha como caixa de supermercado, mas não tem contato

com o pai, que mora em São Paulo. “O apoio dela foi fundamental porque esse ano foi puxado demais. Fiz ensino médio no Mello Ayres e cursinho na FOP. Eu saía da FOP às 23h e às 6h tinha de acordar para ir à escola. Mas valeu o sacrifício”, afirma.

Fernanda teve o primeiro dia de aula quinta-feira na Fatec. “Estou achando ótimo, é tudo que eu quis. Esse curso, de biotecnologia sucroalcooleira, principalmente em Piracicaba, garante um bom futuro”, diz. Fernanda estudou no Colégio Liceu, mas tinha bolsa porque a mãe trabalhava lá. O cursinho, porém, não dava para a família assumir. “No primeiro ano não passei, mas valeu a pena insistir.”

**Eles fizeram
cursos
mantidos pela
prefeitura e
pela FOP**